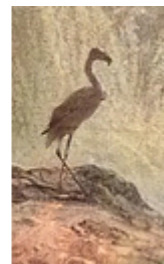


issn: 2176-5960

# Προμηθεύς

journal of philosophy

n. 40 September - December 22



## PRAZER E DOR NA COCEIRA DE SÓCRATES: Uma leitura comparada nos diálogos *Fédon* (Pl. *Phd* 60b1-5) e *Filebo* (Pl. *Phlb* 46a8-11)

Gilmar Araújo Gomes<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste breve artigo serão consideradas comparativamente as passagens dos diálogos platônicos *Fédon* (Pl. *Phd* 60b1-5) e *Filebo* (Pl. *Phlb* 46a8-11) nas quais Sócrates recorre à atitude comum de coçar a pele como ponto de partida para reflexões sobre a relação interdependente do prazer e da dor, mediada pelo corpo. As duas passagens serão estudadas pela lexicografia, no estudo dos termos gregos empregados pelo filósofo em comparação com o sentido das traduções em português utilizadas. Essa abordagem servirá para investigar a natureza comum de ambas sensações, contribuindo para o ensino de Platão nos gestos e palavras de Sócrates.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coceira, prazer-dor, Sócrates, *Filebo*, *Fédon*, Platão.

**ABSTRACT:** In this brief article will be considered comparatively the passages of the platonic dialogues *Phaedo* (Pl. *Phd* 60b1-5) and *Philebus* (Pl. *Phlb* 46a8-11) in which Socrates uses the common attitude of rubbing the skin as a starting point for reflections on the interdependent relationship of pleasure and pain, mediated by the body. The two passages will be studied by lexicography, in the study of the Greek terms employed by the philosopher in comparison with the meaning of the translations in Portuguese used. This approach will serve to investigate the common nature of both sensations, contributing to Plato's teaching in the gestures and words of Socrates.

**KEYWORDS:** Rub, pleasure-pain, Socrates, *Philebus*, *Phaedo*, Plato.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Metafísica pela Universidade de Brasília (UnB).

## INTRODUÇÃO

Faltando poucas horas para sua execução por envenenamento, Sócrates está cercado de seus alunos que tentam obter dele os últimos ensinamentos filosóficos. O diálogo de *Fédon* registra a preocupação de seus companheiros nas horas finais antes dos Onze aplicarem a penalidade indevida sobre o justo de Atenas.

Liberada a visitação naquele último dia de cárcere, seus amigos não se demoram em adentrar a cadeia. Sua esposa, Xantipa, muito emocionada, é retirada pelos servos de Críton (Pl. *Phd* 60a3-7). O ambiente se torna adequado ao diálogo. Dispensados os cuidados do carcereiro, a perna de Sócrates é liberada das correntes. Desse modo, algo inusitado acontece na postura do filósofo. Registra Platão, por testemunho de Fédon (Pl. *Phd* 60b1-c1):

Sócrates, entretanto, sentando-se sobre o leito, dobrou a perna e começou a **friccioná-la** com a mão, enquanto dizia: - Que coisa estranha, amigos, essa sensação a que os homens chamam **prazer!** É espantoso como naturalmente se associa ao que passa por ser o seu contrário, a **dor!** Ambos se recusam a estar presentes ao mesmo tempo no mesmo homem; e, todavia, se alguém **persegue e alcança** um deles, é quase certo e sabido que acaba por alcançar o outro, como dois seres que estivessem ligados por uma só cabeça. (Pl. *Phd* 60b1-c1, trad. Maria Schiappa Azevedo. Destaques nossos).

Sócrates coçou a perna e filosofou. Passou a considerar sobre as duas sensações de gênero comum, prazer e dor, alternando-se no mesmo homem, enquanto este persegue uma mas só alcança outra. Ainda que incomum para um ambiente de despedida e antecipação da morte, o profundo questionamento levantado pelo filósofo não parece ser inédito, visto que já estivera presente em outro momento reflexivo com seus alunos. O ato de coçar mencionado no fim da vida de Sócrates já fora considerado em outro diálogo filosófico, chamado *Filebo*. Naquela ocasião, em conversa com Protarco, tentando responder inquietações de Filebo (Pl. *Phlb* 46a8-11), o filósofo teria dito:

O alívio da coceira através do ato de coçar, e todas as coisas desse tipo que não têm necessidade de outro remédio. Mas, o que diremos afinal - pelos deuses! - dessa experiência que ocorre em nós? É prazer ou é dor? (PLATÃO, 2012, p. 139)

Liberto do incômodo que fazia comichão na pele, o filósofo põe-se a entender que tipo de experiência é esta que conjuga os opostos num mesmo lugar, sem nunca uni-los totalmente num mesmo instante, pois, havendo encontrado um, vai-se o outro.

Separados cronologicamente, *Filebo* e *Fédon* são dois diálogos que se interligam nas reflexões comuns sobre prazer e dor relacionados ao ato de coçar a pele. Essa ligação, que

parece apresentar-se como proposital, carece de melhor investigação específica. E esse esforço começa por entender a composição e propósito de cada um dos diálogos separadamente.

## OS DIÁLOGOS

No rigor do ensino de Franco Trabattoni (2012, p. 100), pode-se reconhecer a teoria das ideias de Platão como a primeira metafísica da filosofia ocidental,<sup>2</sup> sendo a metafísica, estrito senso, definida como “uma doutrina que postula a existência de objetos que se situam para além do plano físico (em grego, *metà tà physiká*), geralmente em uma dimensão da realidade superior àquela mundana.” (TRABATTONI, 2012, p. 100). Sob essa perspectiva, a coceira de Sócrates foi posta a seus amigos como legítimo exercício de filosofia metafísica. Razão pela qual não é de se estranhar que o singelo gesto de esfregar a pele no dia da morte enseje reflexão para argumentos já ditos em ocasião passada. A metafísica une *Fédon* e *Filebo*.

É necessário ter em mente que cada um dos diálogos platônicos possui a característica particular de representar um conteúdo específico do currículo das aulas de filosofia de Platão (ERLER, 2012, p. 44). E ainda assim, conforme asseverou o estudioso Giovanni Casertano (2016), formam belíssimas representações teatrais, colocando em cena "algo que nenhum dos tragediógrafos ou dos comediógrafos gregos se atrevera a tratar antes de Platão: a filosofia" (CASERTANO, 2016, p. 139). Noutras palavras:

Cada diálogo é uma "obra de arte filosófica", como disse Gomperz, no sentido em que representa ao vivo o processo através do qual os homens, alguns homens, “constroem” e “fazem” filosofia: cada um deles retratado com o seu feitio, com as suas opiniões, com os seus receios, com as suas esperanças: todos esses factores que fazem parte da atitude filosófica. (CASERTANO, 2016, p. 139)

Em *Fédon*, Platão coloca em prática o pleno exercício de seu *ethos* filosófico, onde a alma pensa segundo o rigor de uma lógica pura, e age em consequência de seu raciocínio, produzindo um drama<sup>3</sup> que resultará num discurso filosófico marcado por mito, metáforas e linguagem popular (CASERTANO 2016, p. 147).

---

<sup>2</sup> Concordando que Platão inaugura a reflexão metafísica no Ocidente, Michael Erler entende que essa característica do mais famoso discípulo de Sócrates se apresenta por meio da Teoria das Ideias. Disse ele: "A teoria platônica das ideias não é apenas a parte mais conhecida da filosofia platônica, mas ocupa o centro de sua doutrina. Embora em seus escritos não esteja ausente o conceito de “metafísica”, ele pode ser considerado como o “pai da metafísica ocidental” (ERLER, 2012, p. 221).

<sup>3</sup> O intento dramático de Platão em seus diálogos é uma concepção corroborada por Fernando Muniz: "Platão não escreveu tratados como Kant, ele escreveu dramas filosóficos" (MUNIZ, 2021, 51'58"-52'01").

Segundo a tradição antiga, no início do séc. I d.C., o diálogo *Fédon* foi reunido pelo gramático Trasilio na primeira tetralogia das obras platônicas, junto aos diálogos *Eutrífon*, *Apologia de Sócrates* e *Críton*, em cujo conjunto, conhecido como "obras da despedida" (ERLER, 2012, p. 42), se destaca o caráter reto e justo de Sócrates, desmerecendo as vis acusações que lhe conduziram à morte por envenenamento (PLATÃO, 2000, p. 9; TRABATTONI, 2012, p. 13).

Ambientado na cela que detém o mais justo dos atenienses, o texto de *Fédon* tem como data aproximada de composição o ano 388 a.C., pouco após a viagem de Platão a Sicília, e três anos após a fundação da Academia (PLATÃO, 2000, p. 10). Cercando o condenado, o círculo socrático mais aproximado, incluindo pitagóricos de Fliunte: Apolodoro, Critobulo, Críton, Hermógenes, Epígenes, Ésquines, Antístenes, Ctesipo, Menéxeno, Simias, Cebes, Fedondes, Euclides e Terpsíon; além de Equócrates e Fédon, narrador dos eventos. Platão, a ausência mais sentida, acreditava-se estar doente. Também ausentaram-se Escute, Aristipo e Cleômbroto (Pl. *Phd* 59b6-c3).<sup>4</sup> Ocupando as conversações naquele dia de despedida estavam as reflexões sobre a vida, a morte, a imortalidade da alma, a teoria das ideias, e a teoria das reminiscências. Por certo, essas temáticas se desenvolveram para consolar seus discípulos e fazer valer a afirmação de Sócrates perante seus juízes na *Apologia* (Pl. *Ap* 40c):

Na realidade, com a morte tem de acontecer uma de duas coisas: ou o que morre se converte em nada e, portanto, fica privado para sempre de qualquer sentimento, ou, segundo se diz, a alma sofre uma mudança e passa deste para outro lugar. (PLATÃO, 2000, p. 10)

Embora não haja datação específica, por lógica, o diálogo *Filebo*<sup>5</sup> ocorre anteriormente a *Fédon*, ainda que aquele tenha sido um dos últimos diálogos escritos por Platão (PLATÃO, 2012, p. 08). Então, seria ocasião de se questionar se, no último dia de vida, Sócrates propositadamente levantou essa inquietação sobre a relação entre a coceira, a dor e o prazer, para ativar a memória de seus seguidores, permitindo-lhes encontrar nessa profunda

---

<sup>4</sup> Segundo Schiappa de Azevedo (PLATÃO, 2000, p. 11), a preocupação de Fédon em narrar os nomes de todos ligados a Sócrates, presentes e ausentes, teve por objetivo registrar aqueles que continuaram seu pensamento ou que a ele se dedicaram extremamente, até à sua morte.

<sup>5</sup> Conforme assinalado por Fernando Muniz (PLATÃO, 2012, p.8-10), *Filebo* tem sido recebido pela crítica como diálogo marcado pela anomalia, em sua forma e conteúdo, com várias suspeitas quanto à sua integridade textual, de onde se supõe ser esse diálogo uma coleção de outros ensinamentos, no mínimo, de dois outros diálogos socráticos. No entanto, a aparente anomalia da obra bem poderia ser intencionalmente construída de forma intricada com o fim de instigar a decifração de seu sentido. Em vista disto, fazendo uso da própria construção interna do texto, Muniz analisa as passagens 18c e 18d e conclui: “Ao contrário do que sentencia a tradição, *Filebo* é uma obra intencionalmente construída, ainda que seja na forma de um desafio ao leitor.” (PLATÃO, 2012, p.10).

reflexão o consolo nas respostas proferidas junto a Filebo, tempos atrás. O retorno de Sócrates como personagem ao período tardio dos diálogos de Platão é, para Fernando Muniz (2012), “uma surpresa” (PLATÃO, 2012, p. 21) que o texto oferece; porém, considerada a importância do ensino proposto em *Filebo*, compreende-se o desejo de Platão em trazer seu mestre a esse drama para lançar luz às inquietantes questões debatidas em *Fédon*, fazendo do prazer o conectivo metafísico desses diálogos.

Diferente do ordenamento em nove tetratologias proposto por Trasilo no séc. I d.C., estudos mais recentes distinguem as obras platônicas em três grupos organizados cronologicamente.<sup>6</sup> Segundo essa tríplice divisão, *Fédon* está localizado no conjunto de diálogos platônicos marcadamente caracterizados por algumas dualidades que se contrapõem e são excludentes: sensível/inteligível, opinião/conhecimento, corpo/alma, sendo o segundo elemento como duplo purificado do primeiro,<sup>7</sup> um dualismo que requer “esforço permanente do indivíduo, tanto epistemológico como ético” (CORNELLI, 2016, p. 218). Assim, não se estranha que a dualidade dor/prazer esteja considerada em *Fédon*, remetendo ao ensino de *Filebo*. E, de certa forma, na tessitura do projeto filosófico platônico, esses dois diálogos unem-se dramaticamente como duplo purificado no conjunto de seu ensino.

Em sua despedida no cárcere, Sócrates adentra a reflexão filosófica com seus companheiros preparando-os para a dor de sua morte, que ele julga como prazer,<sup>8</sup> posto que “talvez nada seja tão apropriado para aquele que vai partir para o Além como refletir e discorrer sobre o significado dessa viagem e o que imaginamos que seja.” (Pl. *Phd* 61e1-3). Como acentua Gabriele Cornelli (2016), a reflexão sobre essa partida, resultante da separação entre corpo e alma, inaugura um "sentido moral" (CORNELLI, 2016, p. 207), e conduz o filósofo a estar mais próximo da morte (Pl. *Phd* 68c) pois a partir daí ele já começa a entender o que significa a morte, que outra coisa não é, senão, separar-se corpo e alma.

No diálogo *Fédon*, Sócrates protagoniza o drama teatral platônico tendo como coadjuvantes de cena a alma, a vida, a morte e a imortalidade (CASERTANO, 2016, p. 139). E há nesta reflexão dramática sobre sua despedida o exercício da filosofia como forma de

<sup>6</sup> As divisões indicadas são: Primeiro Grupo: obras com maior influência socrática sobre Platão e no combate à sofística; Segundo Grupo: diálogos de maturidade marcados pela autonomia do pensamento platônico; Terceiro Grupo: diálogos de maturidade e de velhice de Platão, marcados pela apresentação de difíceis problemas dialéticos (TRABATTONI, 2012, p. 14-16).

<sup>7</sup> Essa percepção de duplo purificado nas dualidades presentes no segundo período cronológico dos diálogos platônicos está didaticamente exposta em valiosa palestra do Prof. Dr. Fernando Muniz (2021, 32'54"-33'24").

<sup>8</sup> Não obstante a morte seja vista por Sócrates como proveitosa para alma pelo benefício de separá-la do corpo, Michael Erler faz registrar em sua obra a consideração de que, em *Fédon*, "Platão coloca na boca de Sócrates a proibição do suicídio" (ERLER, 2012, p. 44).

libertar e purificar a alma, pois, assim fazendo, o filósofo haverá de considerar a utilidade real dos prazeres e das dores, ambos funcionando como pregos, visto que

fixam a alma e a subjagam ao corpo (82d2-83c3), e quando a alma sente prazer e dor excessivos pensa que aquilo que sente é precisamente o que é mais *verdadeiro* (83c5-9). Tudo isto é a morte como metáfora, e o “cuidado da morte” que o filósofo experimenta *em vida*, e o “exercitar-se na morte”, que outra coisa não é senão o “filosofar corretamente” (81a1-2). (CASERTANO, 2016, p. 147)

Por outro lado, o diálogo *Filebo* é exercido em triangulação: Filebo, a quem se acredita ser um personagem fictício construído para fazer a defesa do hedonismo extremado (PLATÃO, 2012, p. 21), Protarco, identificado como filho de Cálidas (Pl. *Phlb* 19b) e discípulo de Górgias (Pl. *Phlb* 58a), e Sócrates. O primeiro fomenta o debate mas não se expõe; o segundo toma para si a inquietação do amigo e interage com o filósofo; Sócrates, por fim, acode a Protarco respondendo a Filebo. O problema que se apresenta no início desse diálogo é o de se estabelecer “a condição e disposição da alma capaz de oferecer uma vida feliz a todos os homens.” (Pl. *Phlb* 11d). Como disse Michael Erler (2012), *Filebo* se estrutura numa "teoria da realidade que ajuda a melhor compreender o problema da relação das unidades inteligíveis e da multiplicidade dos dados fenomenais." (ERLER, 2012, p. 237). Fundado neste desafio, o diálogo *Filebo* prossegue nas investigações dos modos de prazer.

## A COCEIRA

Convém neste momento considerar a atitude inusitada de Sócrates em fazer uso da coceira (ἐξέτριψε, Pl. *Phd* 60b2) como ponto de partida para sua abordagem filosófica. Para além de ser um hábito comum às pessoas, o filósofo explora a dinâmica desse ato como ferramenta reflexiva. Propondo uma indagação similar em ambos diálogos, *Filebo* e *Fédon*, Sócrates ressignifica o simples gesto de pressionar a pele, friccionando a mão.

Em meio às preocupações dos companheiros que antecipam a saudade do amigo que em breve partirá, Platão permite registrar, por testemunho de Fédon, um interlúdio nas apreensões daqueles que ocupam a cela. Enquanto todos se mostram tensos, o comportamento de Sócrates é de alívio e naturalidade. Recobra-lhe o ânimo a possibilidade de dobrar a perna, agora livre dos grilhões, e receber de sua própria mão a sensação de prazer desejada. Uma deficiência é superada, uma carência é suprida. Surge oportunidade para filosofia, como

registra o texto anotado de John Burnet (1903): “ὁ δὲ Σωκράτης ἀνακαθίζομενος εἰς τὴν κλίνην συνέκαμψε τε τὸ σκέλος καὶ ἐξέτριψε τῇ χειρὶ,” (Pl. *Phd* 60b1-2).<sup>9</sup> Negrito nosso.

Extraindo de seu contexto, a análise lexicográfica da frase encontrada no passo Pl. *Phd* 60b2 lança atenção específica sobre o ato que se mostrou inspirador para Sócrates. Como segue:

Pl. <i>Phd</i> 60b2	ἐξέτριψε τῇ χειρὶ	
Análise	ἐξέτριψε	verbo, indicativo, 3ª pessoa, singular, aoristo ativo de ἐκτρίβω (pressionar sobre, marcar por pressão, cobrir)
	τῇ	artigo, feminino, singular, dativo
	Χειρὶ	substantivo, feminino, singular de χεῖρ, χειρός, ἡ (mão)
Tradução	esfrega com a mão	

Esse esfregão manual, conforme comenta LSJ, indica a ação de "friccionar para aliviar a dor".<sup>10</sup> A sensação de dor, interpretada como um incômodo a ser sanado, motiva a disposição de usar a mão como instrumento de alívio.

As traduções dos diálogos platônicos aqui consideradas apresentam variadas ocorrências do termo “coceira”<sup>11</sup> e do verbo “coçar”.<sup>12</sup> Embora as traduções em português reúnam nessas duas palavras um sentido geral e assemelhado, os termos gregos originais variam. Nas passagens Pl. *Phlb* 46a8 e Pl. *Phlb*. 46d10 a ação de “coçar” (respectivamente: τρίβειν, τρίψει), esfregar a pele, surge como forma de aliviar o desconforto por uma enfermidade ou uma afecção cutânea (ψώρα) que pode acometer tanto homens quanto animais, portanto, é uma ação ativa da pessoa que sente o incômodo pela ferida na pele. A ênfase de sentido da tradução está na reação da pessoa incomodada, o ato de coçar.

Noutras passagens, respectivamente Pl. *Phd* 46a8 e Pl. *Phlb* 46d8, o termo que designa ferida cutânea (ψώρα)<sup>13</sup> é também traduzido como “coceira”, ou seja, compreendido pelo seu efeito, pelo incômodo, que provoca em alguém. Assim, a pessoa acometida dessa ferida, na realidade, sofre os efeitos da enfermidade, e recebe passivamente os efeitos dela. Algo

<sup>9</sup> Schiappa de Azevedo (PLATÃO, 2000, p. 35) assim traduz: “Sócrates, entretanto, sentando-se sobre o leito, dobrou a perna e começou a **friccioná-la com a mão**, (...)” (Pl. *Phd* 60b1-2). Destaque nosso.

<sup>10</sup> Cf. [https://lsj.gr/wiki/friccionar\\_para\\_aliviar\\_el\\_dolor](https://lsj.gr/wiki/friccionar_para_aliviar_el_dolor).

<sup>11</sup> Respectivamente nas passagens: Pl. *Phlb* 46a8; 46d7; 47a5; e Pl. *Phd* 60b2.

<sup>12</sup> Respectivamente nas passagens: Pl. *Phlb* 46a8; 46d10; 51d2.

<sup>13</sup> Cf. verbete ψώρα. In: *Liddell, Scott, Jones Ancient Greek Lexicon (LSJ)*.

semelhante acontece com o termo γαργαλισμῶν (Pl. *Phlb* 46d9),<sup>14</sup> que é também traduzido por Fernando Muniz (PLATÃO, 2012, p. 141) como “comichões” e, noutro lugar, o mesmo pesquisador traduz termo equivalente γαργαλίζει (Pl. *Phlb* 47a5) como “coceira” (PLATÃO, 2012, p. 141), enquanto LSJ<sup>15</sup> entende o mesmo termo como cócegas ou leve incômodo.<sup>16</sup> Nestes exemplos, a ênfase de sentido da tradução foca em entender o conceito como algo que provoca desgaste, inquietação. Aqui a “coceira”, mesmo que seja cócega, comichão, ou ferida cutânea, é passiva e chama atenção para si. Também, conforme o sentido das traduções, existe a “coceira” ativa, que leva alívio a essas perturbações. Para fins de análise, observe-se a tabela comparativa com os diversos termos gregos traduzidos com sentido de coceira, distinguindo apenas a ênfase passiva/provocar ou ativa/praticar, e a sensação dela resultante:

Passagem	Termo Grego	Tradução	Ação	Resultado
Pl. <i>Phd</i> 60b2	ἐξέτριψε (ἐκτριβω)	esfregar, pressionar, ato de coçar	Ativa	Prazer
Pl. <i>Phlb</i> 46a8	τρίβειν	ato de coçar	Ativa	Prazer
Pl. <i>Phlb</i> 46a8	ψώρα	coceira (afecção, ferida)	Passiva	Dor
Pl. <i>Phlb</i> 46d8	ψώρας	coceira (afecção, ferida)	Passiva	Dor
Pl. <i>Phlb</i> 46d9	γαργαλισμῶν	comichões	Passiva	Dor
Pl. <i>Phlb</i> 46d10	τρίψει	ato de coçar	Ativa	Prazer
Pl. <i>Phlb</i> 47a5	γαργαλίζει	coceira (queimação)	Passiva	Dor

Conforme as traduções encontradas no ensino do filósofo, a pessoa sofre dor em forma de coceira e também recebe alívio em forma de coceira ou, nas palavras de Sócrates (Pl. *Phd* 46a8), “o alívio da coceira (ψώρας) através do ato de coçar (τρίβειν).” (PLATÃO, 2012, p. 139).

Levando-se em conta que são diversos e variados os termos utilizados nos diálogos *Filebo* e *Fédon* em referência a “coceira” ou ao ato de “coçar”, notamos que o filósofo quis dizer em seu ensino mais que a mera concepção dos termos, os quais, em si mesmos, pouco

<sup>14</sup> O mesmo termo γαργαλισμῶν pode ser encontrado em Banquete (Pl. *Smp*189a).

<sup>15</sup> Cf. verbete γαργαλίζω. In: *Liddell, Scott, Jones Ancient Greek Lexicon (LSJ)*

<sup>16</sup> No texto traduzido de Fernando Muniz há mais uma referência ao “ato de coçar” (PLATÃO, 2012, p. 157), mas é uma inferência acrescida ao sentido da frase, visto que no texto anotado de John Burnet desta passagem (Pl. *Phlb* 51d2) não há verbo que equivalha à tradução proposta.



oferecem em sua semântica nas diversas traduções aqui presentes. Deixemos, então, o termo referente, coceira, e vejamos os termos referidos a ela, dor e prazer.

### OS OPOSTOS DE MESMO GÊNERO

Como é próprio da experiência humana, um machucado na pele, uma ferida, afecção cutânea, cócega, comichão, ardência ou queimação são termos que remetem a sensações desagradáveis, inquietantes e dolorosas. São situações que instigam solução, demandam resposta. A pele, inerte e passiva, clama alívio. Ao chamado da dor, surge uma ação em socorro da demandante. Providencia-se alívio no gesto ativo de esfregar, pressionar, coçar a região lesionada. O alívio que chega tem nome, prazer, e toma o lugar do incômodo, chamado dor. Dor que provoca, prazer que responde, foram ambos, igualmente, traduzidos para o português como “coceira”. Apesar de lidos com o mesmo nome, remetem a termos gregos distintos, e sensações opostas, dor e prazer. Passemos, então, a considerá-las, pois, como afirmou Sócrates, “Vejo como um par, dor e prazer, vindo a ser simultaneamente, por natureza, no gênero comum.” (Pl. *Phlb* 31c2-3).

Começemos pelo prazer. Mais uma vez, a investigação deve se iniciar no cárcere de Sócrates. Passada a mão sobre a perna, ele compartilha com seus amigos o espanto de haver uma “sensação a que os homens chamam prazer!” (Pl. *Phd* 60b4). Estaria ele colocando para seus companheiros um problema estético (quanto à sensação) ou de linguagem (quanto ao nome que identifica a sensação “prazer”)? Inegável que a sensação é real; ela é resultado da esfrega de mão na pele. O esfregão gerou alívio, que vem a ser chamado prazer. Consideremos a passagem específica que evoca o termo:

Pl. <i>Phd</i> 60b4	καλοῦσιν οἱ ἄνθρωποι ἡδύ:	
Análise	καλοῦσιν	verbo, presente, indicativo, 3ª pessoa, plural de καλω (chamar, nominar)
	οἱ	artigo, masculino, plural, nominativo
	ἄνθρωποι	substantivo, masculino, plural, nominativo
	ἡδύ	adjetivo, neutro, singular, acusativo de ἡδύς (doce ao paladar ou ao olfato, prazer, aprazível, doce)
Tradução	(...) os homens dão nome de <b>prazer!</b>	

O prazer aqui identificado, ligado ao conceito de hedonismo, remete à sensação que necessita de intensa mediação do corpo para que a alma apreenda algum conhecimento. Esse deslocamento da alma em direção ao prazer sentido no corpo, compreendida como expressão da ontologia dualística de Platão (CORNELLI, 2016, p. 218), indica haver em *Fédon* (Pl. *Phd* 81a6-7) o ensino de “uma alma-camaleão em seu vagar cambaleante pelo mundo sensível, junto ao corpo com a qual cresceu e se formou.” (CORNELLI, 2016, p. 218).

Sócrates conecta sua interpretação pessoal e específica da sensação provada na sua pele com a compreensão comum a todos os homens que em qualquer tempo sentem algo que eles julgam idêntico ao que ele provou naquele momento particular. O uno torna-se múltiplo, o específico é concebido pelo filósofo como geral. Seu espanto está em considerar-se ligado sensorialmente a todo gênero humano, provando naquele instante o que todos dão nome de prazer. Embora Garcia Gual (1988, p. 31, n. 10) pareça aplicar outro sentido ao termo “prazer” (Pl. *Phd* 60b4) aqui compreendido, julgando que Sócrates entendeu essa sensação com alguma reserva, Franco Trabattoni, mais uma vez, socorre nosso argumento quando diz:

O aspecto que qualifica a “transcendência” platônica é que, nela, os objetos transcendentais são os universais, ou seja, exatamente os instrumentos que seriam necessários para atingir um conhecimento metafísico da realidade e para construir uma teoria metafísica de qualquer tipo. (TRABATTONI, 2012, p. 102)

Coceira, prazer e dor no corpo tornam-se, nas reflexões de Sócrates, instrumentos de transcendência platônica, objetos metafísicos para a obtenção de um conhecimento universal. Assim, *Fédon* pode ser lido à luz de *Filebo*. Ainda mais ao lembrar-se que em *Filebo* o problema do Uno e do Múltiplo também está posto (Pl. *Phlb* 14b-22b).

Embora presente diversos temas em discussão, inegavelmente, o cerne do diálogo *Filebo* está em distinguir corretamente os modos de prazer e seu lugar na vida humana.<sup>17</sup> A divergência está no modo como se acessa esse tema. Para Protarco, que vocaliza a dúvida de Filebo, o bem seria oriundo do prazer, enquanto Sócrates defende que o bem tem origem no conhecimento (Pl. *Phlb* 11b4-10). Em defesa de sua tese, Sócrates elabora o seguinte raciocínio:

Obviamente todos os prazeres são prazerosos, porque o prazer é idêntico a si mesmo, mas não é óbvio dizer que todos os prazeres sejam bons, porque bem e prazer possuem nomes diversos; para demonstrar que o bem é o prazer, é necessário encontrar uma coisa presente em todos os prazeres, tal que os torne bons. (TRABATTONI, 2012, p.243,244)

<sup>17</sup> Como enfatizou Fernando Muniz, “mais da metade do *Filebo* é dedicada à classificação dos prazeres (31a-55a), o que representa 1.205 linhas da edição.” (PLATÃO, 2012, p. 11).

Em busca de uma resposta, Sócrates propõe a Protarco considerar como modelo a separação estabelecida pela divindade para todas as coisas do universo, quais sejam, *a)* o ilimitado, *b)* o limitado, *c)* o misto, “como uma terceira forma, uma unidade proveniente do intercurso entre os dois.” (Pl. *Phlb* 23c1-d2), e *d)* um quarto gênero, qual seja, a causa da união anterior (Pl. *Phlb* 23d5-9).<sup>18</sup>

O prazer, segundo Sócrates, é identificado como gênero do ilimitado (Pl. *Phlb* 27e), pois, “o que Platão quer dizer é que o prazer por si só não possui uma medida, porque tende a se desenvolver de maneira casual e desordenada.” (TRABATTONI, 2012, p.250). Como disse Sócrates, o prazer é do gênero que jamais tem ou terá, “em si e por si mesmo, nem começo, nem meio e nem fim” (Pl. *Phlb* 31a8-10); é o prazer puro. No entanto, a dor, intervindo e desatando a harmonia dos seres vivos, limita a natureza das coisas, cria dissolução, promove corrupção. Essa corrupção é dor; é o prazer impuro. Fome, sede, congelamento e doença, são estados que indicam a deficiência de prazer, que será restabelecido no corpo quando da recomposição da harmonia à sua própria natureza (Pl. *Phlb* 31b1-32b4). Dor é corrupção, prazer é restauração. O terceiro gênero diz respeito ao “estado que experimenta todo ser vivo quando não está nem corrompido nem restaurado.” (Pl. *Phlb* 32e3-4); é o prazer misto. O conhecimento pertence ao quarto gênero, que é a causa de todas as coisas (Pl. *Phlb* 30e1-3), próprio daquele que “escolhe a vida de pensamento e de inteligência, não possuindo nenhum prazer, nem grande ou pequeno” (Pl. *Phlb* 33b3-4).

Necessário, ainda, compreender um pouco mais a dor. Voltemos ao cárcere. Sócrates conclui seu raciocínio de espanto enfatizando ser comum que o gênero humano “naturalmente se associa ao que passa por ser o seu contrário: a dor!” (Pl. *Phd* 60b5). Assombra o filósofo o modo como facilmente o prazer é associado ao seu oposto, a despeito de ambos se recusarem “a estar presentes ao mesmo tempo no mesmo homem.” (Pl. *Phd* 60b5-6). Consideremos a tradução proposta dessa passagem como subsídio a essa reflexão:

Pl. <i>Phd</i> 60b5	δοκοῦν ἐναντίον εἶναι, τὸ λυπηρόν,
---------------------	------------------------------------

<sup>18</sup> Entende Michael Erler, que o número aqui está restritos a quatro tipos porque Platão, através da Teoria das Ideias aplicada aos diversos diálogos, está preocupado em "reconduzir a multiplicidade das coisas e os fenômenos a princípios, a partir de onde elas teriam seu começo e poderiam ser explicitadas. (...) No *Filebo*, todos os entes são divididos em quatro gêneros – o ilimitado, o limitado, o composto de limitado e ilimitado e o limitante – (23b-27c), em que no limitante, a razão, faz as vezes de causa da composição e “rei do céu e da terra” (28e; Frede, 1997, p.211sss).” (ERLER, 2012, p. 251, 252).

Análise	δοκοῦν	verbo, imperfeito, indicativo, ativo, 3ª pessoa, plural de δοκέω (parecer)
	ἐναντίον	adjetivo, masculino, singular, acusativo de ἐναντίος (contrário, oposto)
	εἶναι	verbo, presente, infinitivo de εἶμι (ser)
	τὸ	artigo, neutro, singular, acusativo
	λυπηρόν	adjetivo, masculino, singular, acusativo de λυπηρός (dor, doloroso, sofrimento, aflição)
Tradução	aparenta ser o oposto: <b>dor!</b>	

Em *Fédon*, o filósofo parece sugerir que a dor, oposto de prazer, possui características que promovem confusão na interpretação que os homens fazem dessas sensações. Buscando uma, alcançam outra. Não são encontradas juntas, e, no entanto, não se apartarão uma da outra, pois, como em fábula, seriam dois seres ligados pela mesma cabeça (Pl. *Phd* 60b7-c1).

Em *Filebo*, a dor é compreendida como algo que surge da dissolução da natureza, resultante da desarmonia entre os seres vivos (Pl. *Phlb* 31d4-6). A breve afirmação espantosa de Sócrates em *Fédon* (Pl. *Phd* 60b4-c1) apresenta-se como uma dor, uma coceira inquietante, confrontando a harmonia de sentimentos ali intentados pelos seus companheiros. Essa dor cobra a restauração do prazer, no caso, um prazer mórbido, fúnebre, silente da saudade. Na cela onde estava Sócrates havia dor na alma de seus amigos por antecipação da morte. A memória das respostas produzidas no diálogo *Filebo* ajudou a recuperar a harmonia que estava corrompida.

## CONCLUSÃO

Em *Fédon*, Sócrates lida com o prazer misto ensinado em *Filebo*, qual seja, de fonte somática (PLATÃO, 2012, p. 14). A coceira na perna evidencia uma carência física, compreendida como dor, sensação passiva que motiva o filósofo e aguarda dele o preenchimento da ausência de prazer, sensação ativa. A fricção da pele é o instrumento de condução do prazer ao vazio de completude e desarmonia denunciado pela dor.

A “coceira” de Sócrates, assim traduzida para o português, é uma expressão que encapsula diversos termos gregos registrados por Platão em seus diálogos e que sugerem, passiva ou ativamente, a existência de sensações que pedem ou recebem dor e prazer, conforme elas se apresentam ao entendimento dos homens e recebem deles um nome

apropriado que as identifiquem, conforme a interpretação que lhe atribuem. A sensação transcende o sentido do nome a ela dado.

O prazer que Sócrates prova ao coçar sua perna pela retirada dos grilhões em prisão (Pl. *Phd* 60b2) é, pela sua própria reflexão, um prazer falso, um prazer misto, um prazer impuro (Pl. *Phlb* 44b1-3), visto que esse prazer era uma sensação que nasceu deficiente, carente, dependente de completude, algo que se expressa como doloroso (PLATÃO, 2012, p. 15). Eis a razão do espanto que Sócrates compartilha com seus companheiros no último dia de vida: a dor costuma ser confundida com prazer, ainda que este lhe seja oposto. Essa confusão dos homens denuncia uma fraqueza da alma apegada ao corpo no esforço de interpretar a realidade das coisas em si, pois a alma somatizada, mais do que poder, “*quer* se transformar para sentir a realidade através do corpo” (CORNELLI, 2016, p. 215). Se desta mediação resulta prazer, é um prazer deficiente, impuro.

É de particular destaque que Sócrates inicie as reflexões em *Fédon* utilizando o contato com o corpo como meio de introduzir a investigação da verdade, pois ele deseja conduzir seus companheiros ao entendimento de que para “meditar na realidade mesma das coisas” (Pl. *Phd* 65e3), é preciso ir “ao encontro de cada um dos seres exclusivamente pela via do pensamento” (Pl. *Phd* 65e8-9), evitando, assim, a somatização da alma (CORNELLI, 2016, p. 213,214). Para isto, é necessário apartar-se de tudo que oferece mistura ao conhecimento, ou seja, libertar-se plenamente do corpo, que “perturba a alma e impede de adquirir verdade e sabedoria” (Pl. *Phd* 66a5), pois para Sócrates, se existe algum conhecimento possível e ideal do mundo, ele só pode ser conseguido após a morte (TRABATTONI, 2019, p. 5).

Desse modo, o diálogo em prisão narrado no *Fédon* mostrou-se um microcosmo dinâmico do projeto filosófico platônico exposto em *Filebo*, qual seja, o prazer ilimitado advindo da presença e ensino socráticos sofria desarmonia da dor antecipada; prazer e dor misturados e se permutando no correr do dia; enquanto Sócrates, impávido, vivia seu último dia sem prazer e sem dor por ter escolhido “a vida de pensamento e inteligência” (Pl. *Phlb* 33b4).

Terminado o dia, vindo o sacrifício de Sócrates, permaneceu o ensino do filósofo: “Se alguém persegue e alcança um deles, é quase certo e sabido que acaba por alcançar o outro, como dois seres que estivessem ligados por uma só cabeça.” (Pl. *Phd* 60b6-c1.). Em *Filebo*, o prazer foi perseguido. Em *Fédon*, a dor foi alcançada. Sócrates era a cabeça que ligava ambos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASERTANO, Giovanni. Alma, morte e imortalidade. *Archai*, n. 17, Brasília, mai.-ago., 2016, p. 137-157.
- CORNELLI, Gabriele. A alma-camaleão e sua plasticidade: dualismos platônicos no Fédon. In: *Archai*, n. 16, Brasília, jan.-abr., 2016, p. 203-222.
- ERLER, Michael. Platão. Tradução de Enio Paulo Giachini. São Paulo: Annablume Clássica; Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília. Coleção *Archai*: As origens do pensamento ocidental. 2012.
- GUAL, C. Garcia. *Fédon*. In: GUAL, C. García; HERNANDEZ, M. Martinez; INIGO, E. Lledó (eds.). Platão: Fédon, Banquete, Fedro. Madri: Editorial Gredos, 1988.
- Greek-English Dictionary (Αγγλικά Ελληνικά-λεξικό). Disponível em: <[https://greek\\_english.en-academic.com](https://greek_english.en-academic.com)>. Acessado em: 19/10/2021.
- Liddell, Scott, Jones Ancient Greek Lexicon (LSJ). Disponível em: <[https://lsj.gr/wiki/Main\\_Page](https://lsj.gr/wiki/Main_Page)>. Acessado em: 19/10/2021.
- MUNIZ, Fernando. *Introdução a Platão – Aula de Fernando Muniz (UFF)*. In: *Archai UNESCO Chair – Universidade de Brasília*, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WOKiruRrHRQ>>. Acessado em: 25/10/2021.
- Perseus Digital Library. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>>. Acessado em: 19/10/2021.
- PLATÃO. *Fédon*. Trad. Maria T. Schiappa de Azevedo. Brasília-DF: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. Coleção Clássicos Gregos, 2000.
- PLATÃO. *Filebo*. Trad. Fernando Muniz. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2012.
- PLATO. *Phaedo*. In: BURNET, John (ed.). *Platonis Opera* (OCT). 1903. Disponível em: <<https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a1999.01.0169%3atext%3dPhaedo>>. Acessado em: 18/10/2021.
- \_\_\_\_\_. *Philebus*. In: BURNET, John (ed.). *Platonis Opera* (OCT). 1903. Disponível em: <<https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a1999.01.0173%3atext%3dPhileb.>>. Acessado em: 18/10/2021.
- TRABATTONI, Franco. Reminiscência e Metafísica em Platão. *Archai*, 26, Brasília, 2019, s.p..
- \_\_\_\_\_. *Platão*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume Clássica. Coleção *Archai*: As origens do pensamento ocidental, 2012.